

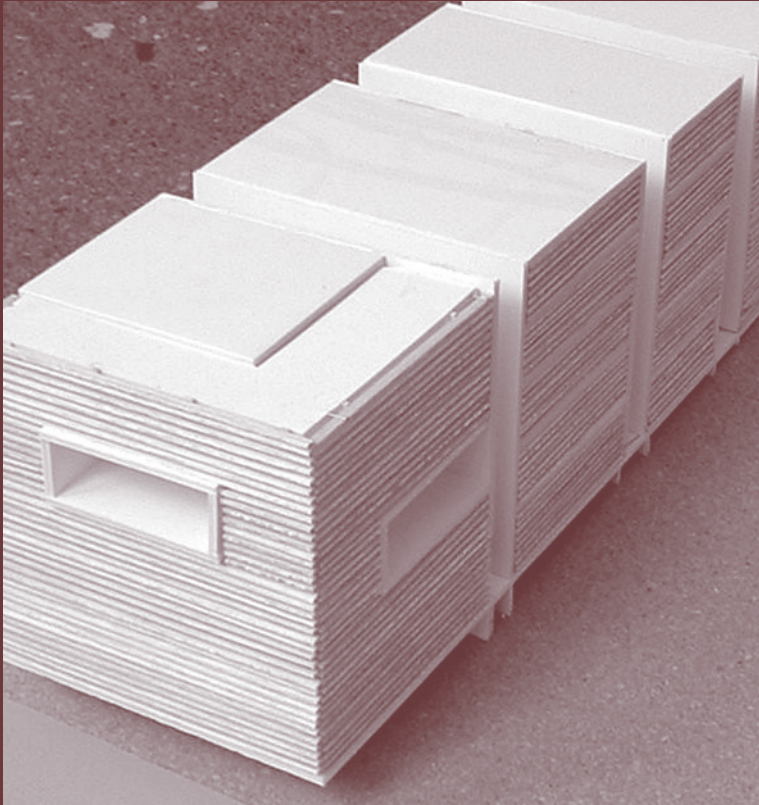
sinais de urbanidade

luís silva

Este texto não faz uso de bibliografia nem de referências datadas; entendo-o como um mero devaneio do espírito cujas fontes utilizadas são exclusivamente as da memória, misturadas com fragmentos retirados de artigos de jornal, folhetos de exposições, conversas e palavras soltas, anúncios publicitários, entre outros, cuja origem pertence ao mundo das actividades diárias e que se misturam como se misturam óleos numa tela, que por sua vez se misturam a si próprios, criam tonalidades, secam e racham. É mais um daqueles inícios intensos e dramáticos de quem escreve para os outros sem esquecer, contudo, que não está só nesta inquietude. Não se sabe o que vai acontecer. Será, no entanto, um momento para pensar arquitectura através de palavras, correndo o risco de derivar em vez de sintetizar, de dispersar em vez de aprofundar. Mas este é também o risco e a condição da vontade de compreender e conhecer.

Fecho os olhos e vejo o arquitecto como um técnico munido de uma arte, que, tal como o músico de jazz, improvisa e sente o pulsar, mantém ou alterna ritmos e intensidades, conciliando a análise e a paixão com o rigor da concretização e do desenho. Tal como nos ready-made, imita as caixas de Marcel Duchamp na procura intuitiva, na capacidade de surpreender e emocionar, de mexer numa atmosfera algo turva e distorcida desde o silêncio à ironia, com o fim de nada. Reconhece a desmistificação que Andy Warhol materializou com as latas de sopa Campbell no sentido da industrialização da arte e a humanização dos mitos, confrontando-nos com a ideia de que não existe nada que possa durar mais do que dias, do que horas, com a certeza de que as coisas que se fazem hoje são para ser consumidas e, ou então, para se desintegrarem. E concorda com John Cage que nos anos 50, então professor de música, atacava as opiniões preconcebidas acerca da função e do sentido da arte ao perguntar aos seus alunos se o som de um camião numa escola de música seria mais musical do que o ruído de um camião que passa na rua, sustentando que não existia uma diferença essencial entre o ruído e a música.

Serão sinais como estes, cortantes e dramáticos, que, projectados e planificados, criarão as geometrias necessárias para que possamos pensar e projectar uma nova e estimulante realidade? Como se constrói o espaço do meu tempo?



Colocando de lado as dúvidas, reconhece-se que é na ausência de conceitos doutrinários que a arquitectura tem ressurgido como instrumento político onde o protagonismo dos arquitectos e da sua obra começa a ser notícia frequente e a entrar de novo no vocabulário e no discurso das pessoas; e tal acontece paralelamente a outros assuntos, outrora de segundo plano, como o mundo da moda, das notícias, da música, dos homens de sucesso, da violência global, ou do lazer.

Hoje é colocada ao arquitecto, como uma realidade estimulante, a problemática do encontro da cidade consolidada com o “descaracterizado” espaço envolvente “periférico”, dois cenários em crise de relação nos seus limites, progressivamente próximos e difusos, obrigando-o a reflectir de modo mais alargado as noções de território e de cidade.

Já estão testadas com sucesso as soluções apoiadas na capacidade positivamente transformadora do projecto, na relação da arquitectura com as decisões de grandes processos de transformação da envolvente e no modo de encontrar e accionar métodos de aproximação em tudo o que se refere a especificações técnicas, processos de concentração de esforços e de integração dos diversos saberes complementares. Contudo volto a interrogar-me, se os planos, os traçados, os conjuntos de códigos e linguagens, que de maneira mais ou menos harmónica são susceptíveis de serem utilizados e trabalhados como invólucro para as actividades humanas, não deverão ser também apoiados em conceitos ideológicos transversais à arquitectura e sobretudo compreensíveis, mesmo que de modo subliminar, pelos habitantes desse territórios?

Volto de novo à procura dos tais sinais e revejo que a noção de cidade e dos seus dramas me é bastante grata; consigo sempre imaginar um anónimo num minúsculo apartamento algures num 10º piso, sob a luz de um candeeiro, em plena meditação a escrever sobre a volatilidade da vida enquanto, lá fora, o mundo treme frenético. Ou seguir a intensa sequência de imagens de um Harrison Ford a percorrer as ruas de Ridley Scott em “Blade Runner” e ao mesmo tempo partilhar da afirmação de Wim Wenders: *“Isto é também o que eu espero de uma cidade: que constantemente me sacuda. Por definição, qualquer tipo de planificação urbanística tem a*

*tendência para uma certa homogeneidade. A cidade é o contrário. A cidade quer definir-se por meio de contradições, quer estalar.”*

A imagem da cidade foi sempre colocada, do ponto de vista artístico, como o expoente máximo da civilização, ou o culminar constante de uma realização globalizante. Ainda assim, a revolução nos meios de comunicação e o avanço alucinante da informática estão a ultrapassar essa capacidade que a cidade tinha de se actualizar. Formalmente, parece que se tapam buracos e cozem malhas; e por isso falo de novo no poder simbólico do sinais dispersos, como ferramenta de análise e reflexão para os criadores adormecidos. Muitas soluções de transformação de carácter construtivo estão já ao nosso alcance; é apenas necessário convencer, com novos interesses, os agentes e intervenientes sociais.

Na história da humanidade, a noção de tempo histórico teve sempre diferentes acelerações e hoje fazem-se previsões de rápidas mudanças que provocam, forçosamente, alterações nas mentalidades; por norma, sempre o último, o mais lento e o mais complexo dos factores sociais a mudar. Acreditemos.